



AS DUAS ALMAS
• *Daniel Burkhard* •

PALESTRA DUAS ALMAS

EGOÍSMO X ALTRUÍSMO

POR
DANIEL BURKHARD

Prefácio

Em 11.11.2016 em Florianópolis, por ocasião do lançamento do meu novo livro: **Nova consciência, altruísmo e liberdade**, editado pela Editora Antroposófica de São Paulo, proferi uma palestra na qual dei ênfase ao assunto central tratado no livro.

Trata-se da evolução da consciência da humanidade no passado, presente e futuro. Utilizei a figura de um “U” para representar o processo de evolução global em um único modelo. Escolhi esse modelo como ponto de partida, no qual a escola deve buscar o sentido de sua existência e a partir do qual pode derivar a sua atuação no mundo. Pretendo escrever todas as minhas futuras palestras a partir deste modelo central de maneira que todas elas em conjunto formam uma teia única, complementando-se mutuamente, formando um organismo harmônico.

Palestra

Para introduzir o assunto das duas almas vou começar com um verso de Goethe, o grande escritor, poeta, filósofo, cientista, alemão, que viveu de 1749 a 1836 e que escreveu entre outras obras o drama do Dr. Fausto, no qual ele trabalhou quase a vida inteira desde a juventude até a idade avançada. O primeiro manuscrito ficou pronto em 1775, quando Goethe tinha apenas 26 anos, e a segunda parte ficou pronta pouco tempo antes de ele morrer aos 83 anos.

A história do Dr. Fausto é o drama do homem moderno que graças a sua liberdade conquistada precisa constantemente tomar decisões. Numa certa altura do drama Goethe deixa o Dr. Fausto exclamar o seguinte:

No meu peito moram duas almas
Uma da outra quer se separar.
Uma com volúpia se agarra
Ao gozo do prazer do mundo.
A outra quer se elevar
Ao elevado reino dos antepassados.

Todos nós temos as duas almas dentro do nosso peito.

Uma quer entregar-se ao mundo, aos prazeres da vida para satisfazer os impulsos que emanam das forças terrestres, na busca da satisfação de seus desejos sensoriais e carnis, ou na busca da sua supremacia sobre as outras pessoas para a sua autoafirmação ou celebridade. É orientada exclusivamente para fora e podemos denominá-la de alma natural.

A outra busca dentro de si a elevação para regiões mais sublimes. Ela sente que existe algo nela que busca, de maneira mais ou menos consciente, a realização da imagem ideal do ser humano. Todos nós temos a imagem ideal do ser humano em nosso inconsciente, mas pela agitação da vida cotidiana e pelas crenças materialistas, esta imagem é geralmente encoberta por uma grossa camada de entulho, gerado pela vida moderna. Mas existem momentos na vida onde esta imagem emerge na alma e chega perto da superfície da consciência. São os momentos de paz interior, muitas vezes estimulados pela contemplação de uma paisagem, pela observação de um por do sol, pela leitura de um poema, ao ouvir uma música, ao ouvir um conto, ou outra expressão artística onde sentimos o hálito de um mundo sublime. Talvez isso nos preencha com uma nostalgia, um sentimento de saudade indefinida, pelo desconhecido, pelo sublime, que nem sabemos expressar em palavras. Mas logo o mundo externo nos envolve novamente e a vivência é esquecida.

Através os dois desenhos abaixo começo a caracterizar as duas almas.

Na figura 1 que representa a alma natural, indiquei as forças mais importantes que emergem da nossa organização corpórea e que impulsionam a alma humana em seu pensar, sentir e querer. São as forças que podemos definir de maneira resumida como **instintos, impulsos e cobiças**, que cobram a sua satisfação.

Estas forças fazem parte da natureza humana. Uma grande parte delas atua de maneira inconsciente para nós, mas nos impulsiona para atos.

Orgulho e medo, que também atuam intensamente sobre a nossa alma são em grande parte inconscientes. O orgulho, o medo e a mentira são instilados na alma humana pelas forças de oposição á evolução. Elas manipulam a alma humana, abaixo do nível de nossa consciência, constantemente a seu bel prazer fazendo-nos crer que não existem.*

No centro da alma, utilizando-a como moradia, encontramos o Eu, que tem como tarefa evolucionária domar estas forças, transformando-as em virtudes, construindo a sua alma da sensação, alma da razão e alma da consciência,* de acordo com a imagem ideal do Ser Humano arquetípico, que inconscientemente repousa no fundo da alma de cada um de nós. Mas isso exige um verdadeiro esforço e, se o destino permitir, apoio de uma boa educação.

Quanto mais o Eu deixa arrastar-se pelas forças que emanam do corpo, mais ele assume características de Ego. A sua atitude básica é ataque ou defesa, mesmo que dissimulados.

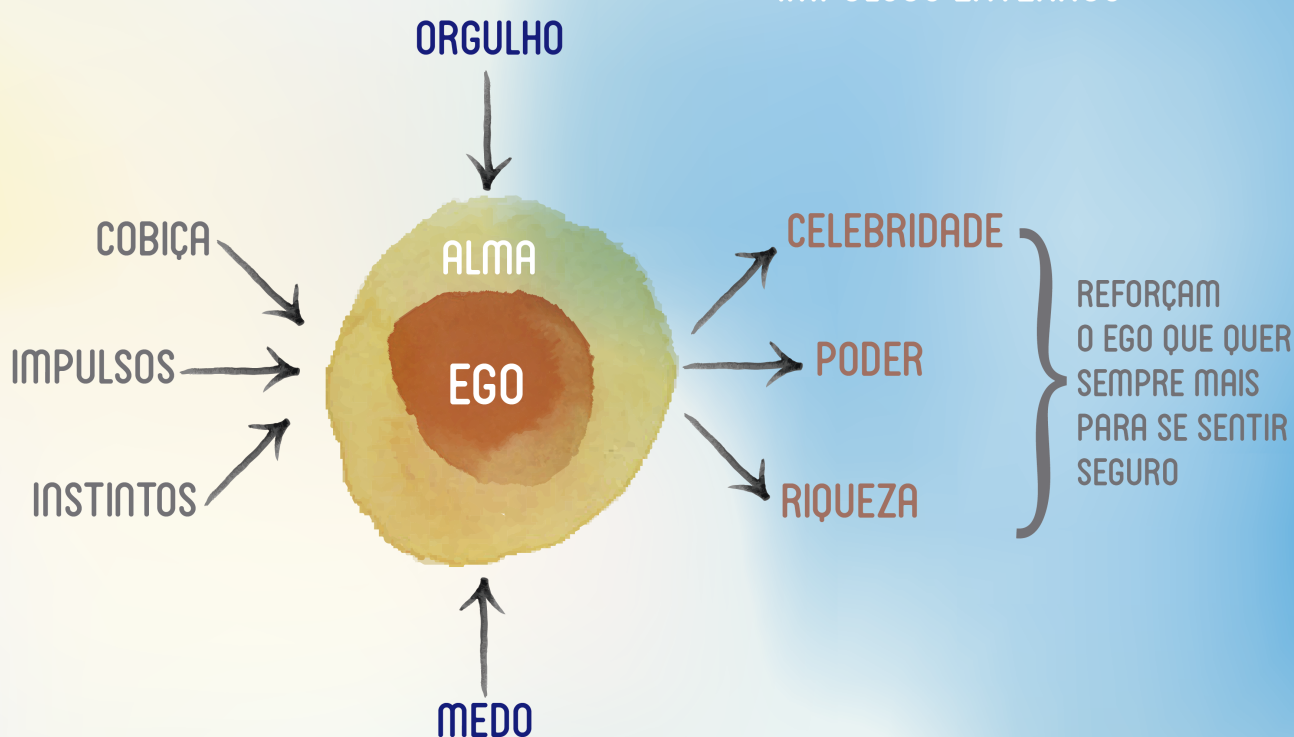
Uma alma dominada pelo Ego não pode ser verdadeiramente feliz porque sempre vai sentir um vazio interior.

Ela procura compensar o seu vazio interior no mundo externo, através da busca de **celebridade, poder e riqueza**, que são os substitutos externos para uma realização interior. Mas todas estas realizações externas trazem felicidade de curta duração. O Ego sempre exige mais. No fundo ele sabe que é uma fraude e através de mecanismos psicológicos complexos defende-se constantemente contra qualquer ataque real ou imaginado que vem de fora e que poderia pôr em dúvida o seu valor ou diminuir a sua importância na sociedade.

Figura 1 – Alma natural e egoísta:

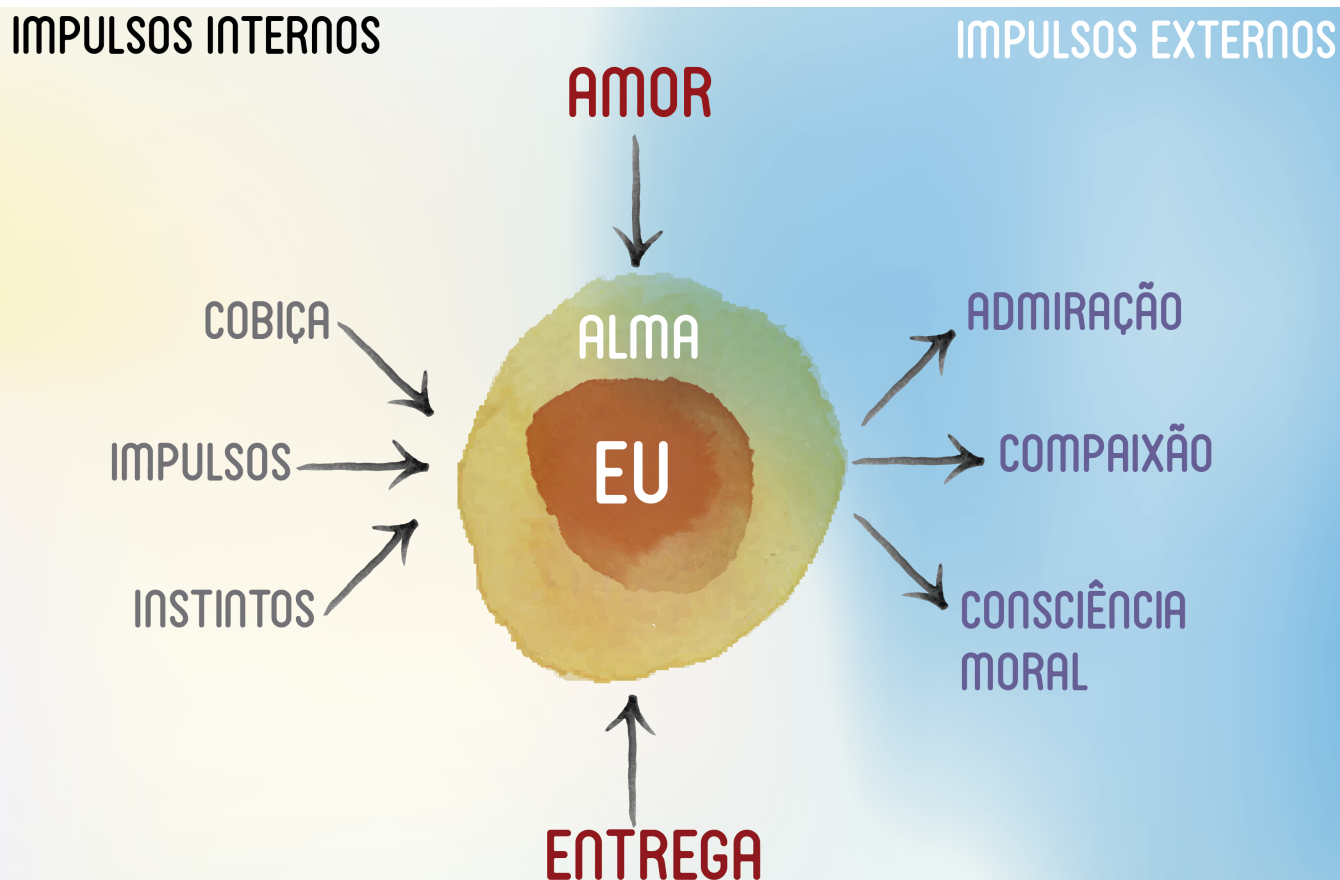
IMPULSOS INTERNOS

IMPULSOS EXTERNOS



Em seguida vamos dar uma olhada, utilizando o mesmo desenho, para a alma integrada e trabalhada pelo impulso do altruísmo:

Figura 2 – Alma integrada e altruísta:



Assim como o Homem natural (figura 1), também o Homem com a alma integrada (figura 2) possui o seu lado natural composto de Instintos, Impulsos e Cobiças.

Mas quando o Eu é o mestre da alma ele transforma gradativamente, através de um esforço interior de autoeducação, a energia de suas forças naturais em virtudes.

O processo de desenvolvimento caminha da alma natural, representada pela figura 1, para a alma integrada, representada na figura 2.

Isso é mais fácil de falar, do que de fazer. Todos nós encontramos-nos em algum ponto deste caminho. É um processo de profunda transformação, com momentos de crises, com sensação de morte e renascimento.

O esforço de cultivar a alma humana é um esforço inerente ao ser humano de todos os tempos, mas torna-se existencial na passagem da alma da razão e da índole para a alma da consciência, processo que acontece em nossa época atual. É a crise da autenticidade que na biografia individual acontece em torno dos quarenta anos, quando a nossa consciência, em seu processo de expansão, bate em limites que precisam ser rompidos para podermos achar respostas para as novas questões que aparecem no horizonte de nossa consciência. Isso exige fé, coragem e perseverança.

Uma imagem deste processo, já por muitos utilizada, que a natureza nos oferece pode dar uma ideia:

É o exemplo da lagarta que se transforma em borboleta. A lagarta é um bicho extremamente voraz que se alimenta de matéria vegetal. Uma praga de lagartas pode destruir uma plantação inteira em uma noite. O movimento da lagarta é lento, rastejante e unidirecional para frente. O corpo é tosco, muitas vezes de uma cor única ou com cores abafadas ou em desenhos simples com anéis em torno do corpo. A sua visão do mundo é a de um ser rastejante junto á terra.

Quando o seu tempo chega, a lagarta se isola, construindo o seu casulo em torno de si, dentro do qual processa a sua metamorfose. Após algum tempo, nasce uma borboleta que busca a luz do Sol e se alimenta da parte mais sublime que a natureza tem a oferecer: o néctar das flores. A borboleta possui duas asas e vagueia com leveza de uma flor para outra. O seu elemento de locomoção é a leveza do ar. As suas cores cintilam na luz do sol e formam desenhos maravilhosos.

Aplicando essa alegoria para as nossas duas almas, podemos facilmente identificar a metamorfose da borboleta com a metamorfose da alma. O pensar da alma natural é linear como o movimento da lagarta. A visão é orientada exclusivamente para a matéria, o que reduz o seu campo de visão. A sua fome insaciável, quando aparece em grande número, destrói o equilíbrio da natureza.

O pensar da alma integrada é flexível, multidirecional, leve que nem o voo da borboleta. O seu raio de visão é amplo.

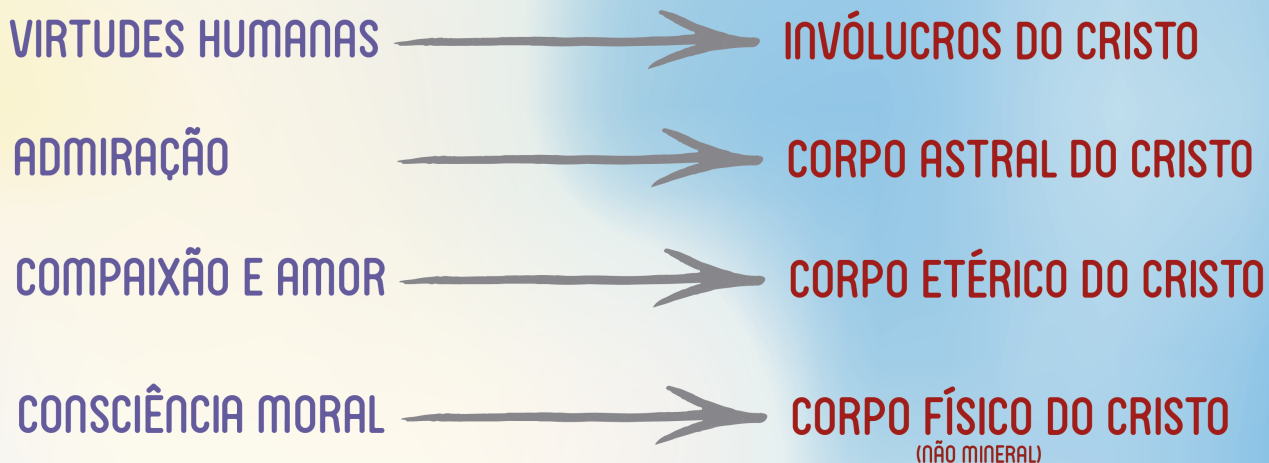
Podemos aplicar a ideia da metamorfose a qualquer situação onde existe desenvolvimento. No âmbito da humanidade que atualmente faz a passagem da alma da razão e da índole para a alma da consciência (1413 d.C. a 3573 d.C.), na biografia individual em torno dos quarenta anos, quando a alma da razão e da índole evolui para a alma da consciência, no âmbito do desenvolvimento individual, sempre se trata de um processo de morrer e renascer sem perda da identidade. A borboleta do nosso exemplo, já existe dentro da lagarta e o mesmo acontece na metamorfose em todos os processos de desenvolvimento. Mesmo num processo de aprendizado podemos observar o fenômeno, quando precisamos abandonar velhas ideias que nos são caras por novos conhecimentos e novos valores. Muitas vezes somos tão resistentes para promover uma mudança, que a única maneira que a nossa individualidade espiritual encontra, é provocar um acidente ou uma doença que nos dê a possibilidade de refletirmos e de nos conscientizarmos de nossa verdadeira missão e da nossa real humanidade.

As cinco forças construtivas, mencionadas no desenho 2, não foram escolhidas aleatoriamente, mas pelo contrário, representam as forças que arquitetam o mundo novo.

Conforme Rudolf Steiner, Amor e Entrega são as duas forças impulsionadoras para o homem desenvolver a sua alma da consciência.* e as três forças: admiração, compaixão, e consciência moral são as três qualidades por nós desenvolvidas, que o Cristo, que se ligou com a terra através do mistério de Gólgota, utiliza para tecer os seus próprios invólucros.**

Nota:

Futuramente escreverei uma palestra exclusivamente sobre esse assunto com o provável título: O significado do Cristo e do mistério do Gólgota, para a evolução da humanidade.



Na mesma palestra Steiner avisa: O homem que peca contra esses valores ou anda sobre a terra com indiferença em relação a eles, tira do Cristo a possibilidade de tecer os seus invólucros e a continuação da evolução pode ser perdida.

É com essa consciência que devemos encarar a superação do princípio do egoísmo na evolução da humanidade e da terra.

Com a vinda do Cristo para a terra, na transição dos tempos, a primeira metade da evolução da terra terminou e teve início a segunda metade. Até o fim da primeira metade existia a lei da vingança: do olho por olho e dente por dente. Salvar a honra da família, do clã, do povo era fundamental e acontecia através a vingança. O Eu do indivíduo era grupal e representado pelo pai Abrão ou pelo Faraó ou por outra instância de autoridade.

Os deuses gregos ainda eram movidos pela inveja, traição, vingança. De uma hora para outra todos os valores mudaram. O Cristo dizia: Se alguém te dá uma surra, ofereça-lhe a outra face.

Na nova fase da evolução o Eu humano, que era grupal, individualizou-se e tornou-se Eu pessoal na época greco-romana, que desenvolvia a alma da razão e da índole, para tornar-se Eu individual na época atual, que desenvolve a alma da consciência.

Encontrei a diferenciação entre **Eu pessoal** e **Eu individual** pela primeira vez num trabalho sobre Story Telling***; o que achei extremamente adequado para diferenciar o Eu pessoal (Ego) da alma da razão e da índole, que ainda está presa aos laços de sangue da família, normas de comportamento, pensamento material, preceitos morais tradicionais, intelectualismo, dogmatismo, etc., do Eu da alma da consciência, que substitui todas essas características por uma nova consciência, que transcende essas limitações.

Penso que poderíamos chamar o primeiro como Eu das aparências e o segundo como Eu autêntico.

** Vide o livro do autor: Nova consciência, Altruísmo e Liberdade publicado pela Editora Antroposófica, São Paulo.*

*** GA 133, Berlin 20.05.1912*

**** Henning Schramm, Märchen und Heilmittel. Novalis Verlag, Schaffhausen, Suíça.*

ISBN 3-7214-0594-3